

# **TERRITÓRIOS DA IDENTIDADE: OS NEGROS E A CONGADA**

## **TERRITORIES OF IDENTITY: BLACKS AND THE CONGADA**

### **LOS TERRITORIES DE LA IDENTIDAD: LOS NEGROS Y LA CONGADA**

**ADRIANE ÁLVARO DAMASCENA**

Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-  
Ambientais – IESA

Pós-Graduação em Geografia – UFG

E-mail: [adridamascena@gmail.com](mailto:adridamascena@gmail.com)

#### **RESUMO**

A congada é uma manifestação cultural e uma festa tradicional, principalmente da população negra. Essa festa se reinventa até nos mais modernos territórios brasileiros, como é caso da cidade de Goiânia, fundada a menos de 80 anos. Para melhor entender a congada, eixo deste trabalho, os aportes da Geografia Cultural foram de fundamental importância. Portanto, será preciso acompanhar as trajetórias dessa manifestação cultural que se revelam no agir cotidiano. Assim, será necessário recorrer às categorias como território e identidade para melhor entender a ação dos congadeiros e sua condição étnico-racial. Desta forma, acreditamos que as relações estabelecidas nas festas de congo estão mediatizadas pelo espaço, onde os congadeiros experienciam a cidade de uma maneira, possivelmente, muito particular. Mas, para entender a condição presente da congada será necessário um passeio pela trajetória dessa manifestação cultural no tempo.

Palavras chave: congada – identidade – território - Geografia Cultural

#### **ABSTRACT**

Congada is a cultural manifestation and a traditional festival, mostly for the black population. This party reinvents itself at the moderns territories, as is the case in the city of Goiania, founded less than 80 years ago. To better understand the issue of “congada”, axis of this work, the contributions of Cultural Geography is of fundamental importance. So you need to follow the trajectories of cultural expression that can be seen in action daily. We must therefore rely on categories such as territory and



identity to better understand the “congadeiros” action and his ethnic-racial condition. Thus, we believe that the relations established in Congo’s parties are mediated through space, where, the “congadeiros”, has experience the city in a very special way. But to understand the Congo's present condition will be necessary a walk in the trajectory of this cultural event in time.

Keywords: congada – identity — territories - Cultural Geography

## RESUMEN

Congada es una manifestación cultural y fiesta tradicional, en su mayoría de población negra. Esta fiesta se reinventa en el territorio brasileño más modernos, como es el caso de la ciudad de Goiania, fundada menos de 80 años. Para entender mejor la “congada”, eje de este trabajo, los aportes de la Geografía Cultural es de importancia fundamental. Así que hay que seguir las trayectorias de las expresiones culturales que se puede ver en la acción cotidiana. Por lo tanto, debe confiar en categorías tales como el território y la identidad para comprender mejor la acción de los “congedeiros”, bien como sus condiciones étnico-racial. Por lo tanto, creemos que las relaciones que se establecen en las fiestas de Congo están mediadas por el espacio, y los “congadeiros” vivencian la ciudad de una manera muy particular. Pero para comprender la condición actual de la Congada será necesario un paseo por el tiempo de este evento cultural.

Palabra clave: congada- identidad- territorio- Geografia Cultural

## I INTRODUÇÃO

Hoje ocorre uma série de mudanças no mundo e no nosso cotidiano que se estendem aos temas culturais, questões que por muito tempo não faziam parte das escolhas ou do interesse científico dos diversos campos do conhecimento. Essas mudanças provocam hoje muitas reflexões, inclusive na área da Geografia, sobre o entendimento que se tinha da cultura e da compreensão acerca da realidade, pois alertam os geógrafos de que a compreensão geográfica faz parte da esfera cultural, e que esta é imprescindível a uma análise científica. Geógrafos econômicos, como os neoclássicos, chegaram a acreditar na supremacia da racionalidade das ações e dos atos do “homo economicus” (Moreira, 2006). A Geografia Social, que baseia sua leitura na



divisão de classes, pode entender que esta é apenas uma das inúmeras possibilidades da leitura da realidade. As pessoas desempenham uma infinidade de papéis no seu cotidiano a cada momento e lugar (Claval,2001).

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente quanto o *passado*, tanto os objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos quanto vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana (CORREA E ROSENDAHL,2007,p.13/14).

Assim, para melhor entender a questão da congada na cidade de Goiânia, eixo deste trabalho, a Geografia Cultural será de fundamental importância, uma vez que será preciso acompanhar as trajetórias dessa manifestação cultural que se revelam na vivência de seus praticantes.

O universo pesquisado da Congada em Goiânia limitou-se a dois ternos de congo da cidade: o Terno Verde de Preto e o Terno 13 de Maio, dois dos mais significativos grupos da cidade. Foi utilizado o recurso da observação e da entrevista com roteiro previamente elaborado.

Para tanto, é necessário se permitir olhar a Geografia como busca, e a cidade como um processo de interação entre os homens, o espaço e o tempo. Assim, será necessário recorrer às categorias como território e identidade para melhor entender a ação dos congadeiros. Desta forma, acreditamos que as relações estabelecidas nas festas de congo estão mediatizadas pelo espaço, onde os congadeiros experienciam a cidade de uma maneira, possivelmente, muito particular.

## II CULTURA, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES



Partimos do princípio que a territorialidade é um valor que reflete o que foi vivido. Esse vivido se apresenta de maneira multidimensional, resultado da ação dos membros de uma coletividade e pelas sociedades em geral. Desse modo, a vida se tece por meio de relações que se apresentam nas dimensões da sociedade, do espaço e do tempo de maneira dinâmica, vivenciadas no processo territorial e também no seu produto, em função das relações existenciais (Raffestin, 1993).

Há na geografia uma crescente e importante referência ao reconhecimento de aspectos simbólicos culturais ligados ao desenvolvimento local com base no território, no lugar e também na territorialização dos processos sociais. Cada sociedade produz seus territórios e suas territorialidades a seu modo, de acordo com suas regras, ritos e mitos desempenhados na cotidianidade. Supera-se, assim, uma visão simples na qual o território estaria sem os sujeitos, ou ainda esses sem o território (Saquet, 2007).

Assim, é preciso compreender.

a complexidade e a unidade do mundo da vida, de maneira (i)material, isto é, as interações *no* e *com* o lugar, objetiva e subjetivamente, sinalizando para a potencialização de processos de desenvolvimento (SAQUET, 2007, p. 24).

Essas conquistas da Geografia na busca do entendimento da realidade é resultado de divergências criativas e formativas. Assim, não há um consenso acerca do que deve ser entendido, por exemplo, como território ou mesmo identidade, o que não impede de considerar essas diferenças como um elemento a mais nesta reflexão.

Raffestin (1993) aponta ainda quatro níveis de território que se manifestam em situações distintas e por vezes complementares, são eles: território do cotidiano, território das trocas, de referência e, por fim, território do sagrado.

Sack (apud Saquet, 2009) reforça a idéia da combinação de diferentes níveis de escalas tanto da territorialidade como do território, ambos efetuados nos mais diversos níveis como casa, bairro, cidade, estado, país. Isso se dá em virtude do que ocorre em cada contexto social.



Assim, a cidade de Goiânia e a congada devem ser entendidas como territórios construídos a partir da cotidianidade vivida pelos congadeiros que delas fazem parte. No dizer do Haesbaert(2007) “Não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica ( positiva ou negativa) do espaço e de seus habitantes.”

O mesmo entendimento pode ser visto no trabalho de Rodrigues quando fala de território e a festa da congada em Catalão:

A expressividade da Congada [...] é notada a cada ano pelas características particulares, pois entendemos que o significado da festa para cada participante é singular, pois a cada ano seus agentes vivem a festa perfazendo uma territorialidade que, segundo Raffestin (1993 p.158) “adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. [...] A territorialidade da congada é percebida em locais como a praça [...], a igreja de Nossa Senhora Rosário, a casa do capitão e algumas ruas. Importantes também são os trajetos percorridos para as visitas e as casas deste modo visitadas”( RODRIGUES,2008: 96).

O território e a territorialidade são marcados não só do ponto de vista material mas sobretudo do ponto de vista simbólico. Que pode ser mapeado pela história, por meio do tempo, e pela geografia por meio das espacialidades e as duas numa ação do homem com a sua vivencia.

Por outro lado, a relação entre território, identificação e topofilia, está diretamente relacionado a valores culturais e a vivência. Desse modo, é importante ressaltar a influencia da cultura para a própria organização e compreensão do espaço e da constituição do território, onde aparecerão os gostos, os gestos e as práticas que ali são transmitidas e transformadas. Vale aqui recorrer à Claval e sua compreensão de cultura.



A cultura é a soma dos componentes, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outras escalas, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração à outra. (...) A cultura transforma-se, também, sob efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAI, 2007, p.63).

A cultura, como já foi mencionado anteriormente, é fundamental para compreensão da ação do homem e sua relação com o espaço, e na constituição dos territórios, considerando o espaço social como a materialização dessa ação do homem, onde a configuração do território é formado pela natureza, pela sociedade, e pela socialização, como cultura, política e ainda como economia.

É Haesbaert (2007, p.36) quem aponta a centralidade da categoria território para a análise geográfica:

Território por sua vez...na maior parte das reflexões teóricas como conceito capaz de apreender uma das principais dimensões do espaço geográfico, a sua dimensão política ou vinculadas a relações de poder, dentro das diferentes perspectivas com se manifesta o poder. Deste modo, território, político por natureza, contrasta e se cruza com outros conceitos, como região, paisagem e lugar...os dois últimos com longa tradição na geografia cultural.

Fonseca (2005) nos chama atenção para o geógrafo Guy Di Méo, ao falar que “a apropriação dos espaços está direcionada com a regularidade e a representações que se tem destes”. Também podemos dizer que esses autores estão também reforçando a importância do vivido, quando se pensa como os espaços são imaginados e representados pelos que ali vivem ou estão vivendo temporariamente. Por meio das práticas por eles desenvolvidas e que se produzem os territórios, pois quando se vive um espaço, esse se interioriza. Esse viver se realiza das mais diferentes



maneiras, por meio das práticas que se realizam nos espaços e que produzem territórios e identidades.

Nesse sentido, segundo Fonseca (2005), os territórios possibilitam e geram a materialização das identidades. Para ilustrar melhor, o autor recorre a Monnet:

A identidade de um lugar ou de um território é o resultado de um processo, e resultado das ações e das representações dos indivíduos sozinhos ou em coletividade, resultado que compromete a identidade desses últimos (MONNET apud, FONSECA, 2005, p.89).

O vínculo se dá na vivência e na constituição mútua entre indivíduo e lugar. Esse vínculo vai além da materialidade, pois diz respeito à apropriação feita pelos congadeiros acerca da cidade e à maneira que eles se vêem dentro dela.

Para tanto, a etnografia, que estuda os costumes, crenças e a vida social, também ajuda a entender como os membros das comunidades, baseados na sua própria vivência, desenvolvem seus conhecimentos sobre seu mundo circundante. Desse modo, pode se ver, sentir e conhecer determinada realidade, o que é um “ver-relatando”, pois o falar também faz parte do ambiente sobre o qual se fala (Haguette,1987).

No movimento de escuta é possível entender em parte o que é a realidade de um congadeiro na cidade de Goiânia. O recurso da entrevista foi usado, e os trechos que seguem no corpo deste texto tratam de algumas das mais importantes referências na congada da cidade, responsáveis pela manutenção e perpetuação da festa. Uma tarefa nada fácil numa cidade que “nasceu para ser moderna”.

As pessoas têm que se conscientizar que Goiânia também tem congada. Os negros que participam querem mostrar o que eles têm de bom, de cultura, de inteligência, de se conscientizar que ele é um educador cultural. (Valéria Santos - Terno 13 de Maio)

No depoimento há uma forte expectativa de que haja identificação por parte do público em geral, tanto com a



manifestação quanto com as pessoas responsáveis pela manutenção da festa. É possível, ainda, perceber pelo tom do membro da congada, que existe pouco reconhecimento pelo trabalho realizado no âmbito da promoção cultural e o desconhecimento do caráter educativo presente nessa prática, mas isso não o afasta da importância de sua ação, nem do senso de responsabilidade social intrínseco a essa prática.

Quando se realiza entrevistas com pessoas da comunidade, estas revelam que o conhecimento sobre o mundo é baseado na experiência diária, o que ajuda a entender como é a realidade de ser congadeiro, como pode ser visto no trecho em seguida destacado: “o que eu sei do mundo, é da congada. Leitura eu não tenho, tenho a leitura do gato, para “ler e escrever”, *o olhar*, cê entendeu? A minha educação eu aprendi na congada” (Sr. Pedro Cassimiro; Patrono da Congada em Goiás).

É possível perceber que a idéia de conhecimento está diretamente ligada à vivência e ao cotidiano, que é uma real experiência de aprendizagem, que é coletiva e se materializa no exercício da festa. Mas as formas de constituição das identidades pelos congadeiros podem ser entendidas de diversas maneiras. É essa reflexão que faremos agora.

### III A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: GANHANDO ESPAÇO

São Benedito é preto, papai, eu também sou preto, mamãe. Esta festa é de preto mamãe, ô, ô. Virgem do Rosário (música cantada pelo Terno 13 de Maio).

O negro como objeto de pesquisa se fez mais presente na década de 2000 nas mais diversas áreas do conhecimento. Anteriormente havia uma invisibilidade de tal objeto<sup>1</sup> na academia. Novos objetos nos remetem à novas categorias, baseadas em elementos não apenas objetivos mas também subjetivos. A

---

<sup>1</sup> Há vários autores (Ratts, 2002) por exemplo que procuram explicar tal invisibilidade. Dentre as explicações destaca-se a que aponta a ausência de pesquisadores negros na academia.



realidade nos faz rever instrumentos que novos objetos apontam como significativos, projetados muitas vezes pela organização de segmentos da sociedade em busca de cidadania.

Na busca de cidadania, Milton Santos nos chama atenção para as diversas (im)possibilidades de cidadania existentes (subalternizadas, mutiladas) em função das desigualdades. No entanto, também, afirma:

Indivíduo forte é aquele que é fortalecido dentro de si mesmo, a partir da compreensão do que é o todo e do que é cada um diante do mundo, da ciência que o mundo é movimento, é devir, é futuro.” (Santos, 2000, p11).

Assim, podemos afirmar que a busca e a constituição da identidade e da territorialidade é, de certa maneira, uma busca e uma conquista da cidadania e do direito.

Desse modo, é preciso chamar atenção para o importante nexos existente entre identidade e território, como pode ser visto em Costa (2005), e que ajuda na compreensão da geografia da congada.

Toda identidade implica numa territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária. É o espaço delimitado que proporciona a materialização, ou a objetivação ou a visibilidade da organização e dos atributos dos diferentes grupos sociais em diferentes escalas (...) a territorialidade tem “senso de identidade” (COSTA, 2005, p.85).

Portanto, identidade é uma categoria fundamental quando o tema em questão é a cultura e, especificamente, a congada. Essa categoria é fartamente utilizada quando se reporta a um tema cultural. Para compreender os nexos que compõem o que chamamos de identidade, nos parece fértil uma reflexão junto a outras duas categorias, quais sejam, subjetividade e alteridade.

O termo identidade pode ser encontrado em várias áreas de conhecimento, como Biologia, Psicologia, Filosofia e



Antropologia, o que a revela altamente volátil e produtora da uma infinidade de conceitos.

Pensando em recortar minimamente parte deste circuito teórico, recorreremos de início a Berger e Luckmann (1999), por nos ajudarem a ver a sociedade como uma realidade objetiva e subjetiva que se compõe de três momentos (exteriorização, objetivação e interiorização), que se fundamentam na socialização, que é a denominação da atividade humana em sociedade. Da relação com os outros (socialização) é como a história se constitui.

A preocupação com o rigor na pesquisa, segundo Resende (1992), implica na compreensão do objeto, entendendo seus elementos subjetivos como históricos, considerando sempre que a objetividade e a subjetividade são realidades que não se excluem, e que a exterioridade é a manifestação objetiva da subjetividade. Tal prerrogativa nos permite afirmar que a sociabilidade é um campo fértil para aferir o momento histórico como intercruzamento de visões de mundo, cenário propício à alteridade.

Esse campo, que mediatiza as relações do sujeito com o objeto e da subjetividade com a objetividade, se é o campo da exteriorização e da possibilidade de realização da consciência, é, ao mesmo tempo, o campo onde arriscadamente a consciência pode se perder (RESENDE,1992, p.44).

A relação com o outro é fundamental para sabermos e sentirmos quem somos. A identidade certamente é relacional, portanto é na alteridade que ela se engendra.

Sem a referência do outro que guarda a possibilidade da identificação na igualdade, enquanto universal, e na diferença, enquanto particular, o indivíduo não pode reconhecer-se. O homem só pode reconhecer-se no outro homem, ele não vem ao mundo sozinho, “com um espelho”. Reduzida a mera referência particular, desprendida da universalidade, a subjetividade migra para o único lugar onde definitivamente ela não pode se realizar, isto é, fora da história e em si



mesma. Quando a subjetividade é retirada da história todas as possibilidades de sua realização estão descartadas. (RESENDE,1992, p.193)

Por muito tempo se recorreu a uma centralidade da história na ajuda da compreensão da identidade em relação à alteridade. No entanto, Soja (1996) e Massey (2008), mesmo em “lugares” diferentes da geografia, nos chamam atenção acerca da necessidade do reconhecimento da importância, muitas vezes menosprezada, da espacialidade para a compreensão da realidade, assim como das referidas categorias.

Talvez o que se requeira seja incutir uma (noção de) subjetividade que não seja exclusivamente temporal, que não seja projeção de um interior – conceitual, introspectivo, mas, antes uma subjetividade que seja também espacial, olhando abertamente em suas perspectivas e na consciência de sua própria constituição relacional (MASSEY,2008, p.124).

O espaço, também, é uma referência básica na formação da identidade ou das identidades constituindo-se como topofilia. O local é fundamental para qualquer prática social. Assim:

O homem não é um ser abstrato, que vive em levitação, mas se enraíza em espaços determinados, espaços vêm assim a funcionar como suporte de comunicação, de inter-relação de organização de sentido e, enfim, de fecundidade: terra matriz e motriz. O homem ‘pertence’ a um espaço (BEZERRA DE MENEZES,1987, p.185).

A categoria identidade está no bojo de discussões muito mais complexas nas quais não iremos enveredar, mas apenas mencionar de onde estamos falando, do espaço da reflexão e da problematização de tal categoria que, assim como a própria realidade, é dinâmica, multifacetada e de difícil apreensão.



Acompanhando a dinâmica das discussões acerca da categoria identidade, Munanga (2002, p.67), nos chama atenção para o perigo de um universalismo massificador, e silenciador das diferenças.

A afirmação universalista da identidade intrínseca da humanidade se sobrepõe uma convicção: existe, é certo, uma identidade humana, mas “A afirmação universalista da identidade intrínseca da humanidade veio esta identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua e de sexo, às quais pertencem os indivíduos, que são irreduzíveis às outras comunidades Munanga (2002, p.67).

Uma visão monolítica e naturalizada da universalidade, apesar de ainda ser encontrada tanto nas teorias como em algumas práticas sociais, ela certamente, já pode ser superada ou, como diria Munanga (2002, p.68), reelaborada.

A essa reelaboração corresponderia, simbolicamente, uma apreensão da humanidade levando em conta as duas exigências: reconhecer a alteridade do outro, concordando, ao mesmo tempo, sem reserva, que ele partilha conosco, inteiramente, essa identidade específica que faz de cada ser humano um eu, isto é, uma subjetividade.

Os caminhos que norteiam a compreensão de identidade não se fazem sem tensão, sem um campo de luta, uma vez que é através da relação com o outro que se afirma ou se nega a identidade. É na relação dialógica que os indivíduos, ou os grupos, se formam ou se deformam.

Assim minha descoberta da minha própria identidade não significa que elaboro no isolamento, sim a negócio do diálogo,



parcialmente interior e parcialmente exterior, com os outros. É a razão pela qual o desenvolvimento de um ideal de identidade, engendrado interiormente, dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende virtualmente de minhas relações dialógicas com os outros. (TAYLOR, apud MUNANGA, 2002, p.71)

Seguindo a idéia de que a identidade é uma construção fundamentada em elementos históricos e geográficos, pode-se afirmar que a identidade étnica é adquirida numa situação concreta. A socialização, assim como a própria cultura, traz elementos fundamentais para a compreensão da categoria em questão.

O conceito de identidade encontrado em Castells (2000) carrega uma compreensão dinâmica, uma vez que ela é vista como um processo de construção de significados com base em um atributo cultural, entendendo por significado a “identificação simbólica da ação praticada”.

Um ponto fundamental na sua teoria é buscar quais são os elementos constitutivos da identidade; mais importante do que “o que” é a identidade, é saber como ela se constitui.

A construção de identidade vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 2000, p.23)

Afirmativas dessa natureza autorizam a apontar que a realidade a ser estudada de fato é o que fornece os elementos necessários para fundamentar a teoria.

Subjetividade e alteridade, nesse trabalho, são aportes para o entendimento da identidade, pois nos servem na compreensão do objeto. Alteridade implica relações processuais que produzem subjetividades, sendo que essas apontam e referem-se sempre a um tempo e um espaço, acompanhando as mudanças sociais que ocorrem em e através deles. A subjetividade que se refere aqui é a do momento presente, seja ele entendido como modernidade ou



contemporaneidade. Quanto ao espaço, esse é urbano, da cidade. Assim, como diria Castells (2000), a empiria disciplina a teoria e imprime limites, dando-lhe, assim, um sentido.

Acompanhar a categoria identidade é sempre pensá-la constituída pela cultura, esta vista como responsável pela formação da própria identidade e, mais que um jogo de palavras, é um movimento histórico e sócio-espacial. Identidade aqui é pensada sempre do ponto de vista coletivo, e não individual. Mesmo quando se faz referência ao indivíduo carrega-se sempre a compreensão do indivíduo social. Afinal todo aspecto individual é feixado de caráter social.

O indivíduo certamente é constituído por várias identidades.

O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1999, p.13)

E a negra é apenas uma delas. Contudo, nesse trabalho, a mais relevante, junto com as práticas culturais. Ambas são portadoras de fortes elementos que apontam o movimento geográfico e histórico, mostrando uma africanidade muitas vezes de maneira inconsciente, pois a memória africana presente nas congadas possibilita aos negros um culto à herança de seus antepassados.

Desse modo, é pertinente afirmar que as identidades buscam seu lugar no espaço e procuram a todo tempo se territorializar, num desenho que vai apontando pessoas que pertencem aquele grupo ou a aquele território, apresentando ao mesmo tempo uma forma de relação social e uma forma de representação espacial que, no limite, resulta num certo tipo de territorialidade (Costa, 2005).

#### **IV IDENTIDADE NEGRA: UMA HISTÓRIA DE DIFERENÇAS**

Nas teorias de etnicidade (Hall, 2003), a identidade étnica, seja ela negra ou qualquer outra, é difícil de aferir, uma vez que o



indivíduo carrega várias identidades e se identifica com vários grupos. A complexidade de tal indivíduo e da realidade sugere que a história presente nos diz muito sobre o passado, e esse explica muito do presente, pensando sempre que a história está sempre em construção.

Assim, a herança, a memória, e o sentimento de pertencimento mediados pela identificação com certos valores culturais, apontam fortes sinais para chegarmos ao que venha a ser identidade negra.

Considerando o tema da cultura negra, que é de interesse vital para esse trabalho, recorreremos a Manuel Castells (2000) que classifica a categoria de identidade, em três tipos : identidade legitimadora, identidade de resistência, a qual se presta a este trabalho e a identidade de projeto, que também nos serve como referência<sup>2</sup>.

Quanto a identidade de resistência, esta é

criada por atores que se encontram em posições/em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (CASTELLS, 2000, p.25).

Resistência é uma palavra bastante significativa ao tema em questão, uma vez que as relações entre grupos étnicos são relações de força. A solidariedade nos momentos de confrontos ou de diferenças aponta à afirmação de identidade coletiva e dá sentido à recusa de submissão.

Dessa maneira, se mostra relevante e fundamental as relações encontradas dentro das irmandades religiosas específicas para negros, vistas como espaços de solidariedade. É o que pode se vê neste relato.

As irmandades significavam para os negros a possibilidade de resgatarem a sua humanidade

---

<sup>2</sup> Sobre as tais classificações ver *O Poder da Identidade*.



e viverem a esperança de dias melhores. Em vista disso, constituíam-se funções essenciais destas associações – proteger, socorrer e prestar auxílio a seus membros nos momentos de dificuldades ou e doenças. (QUINTÃO, 2002, p.33)

Para a população negra a história se revela bastante antagônica, pois ora se nega sua condição de negro africano, tentando minimizar o sofrimento através da adesão às imposições sofridas, ora a única forma de sobrevivência dessa população é justamente recorrer às lembranças dos personagens míticos, e alguns movimentos de apoio à rebeliões. Enfim, dentro do possível, se mostrar vivo ou resistente.

Há uma espécie de antagonismo que aponta para uma recriação da própria vida, por isso era preciso estabelecer uma negociação que é constituída, no cotidiano, nas muitas formas de resistências. Essas formas de resistências podem ser vistas tanto através da preguiça, da fuga, do aborto, do suicídio e também nas práticas religiosas; como também nos acordos para trabalhar a terra, vender produtos e na redução das punições, se utilizando muitas vezes do apadrinhamento. Essas são formas de negociações que constituem caminhos para a “liberdade”.<sup>3</sup>

Dentre os possíveis caminhos para liberdade pode-se apontar a adesão às irmandades negras que, além de proteger e socorrer, também funcionavam como espaço onde se engendravam estratégias de sobrevivência e projetos de liberdade, que em alguns casos específicos era conseguida através da própria compra de alforria, pode-se ver ali, de maneira bem incipiente, uma forma de organização de vias emancipatórias, na qual a liberdade ainda transitava na esfera do privilégio.(Soares, 2000)

Fazer um estudo sobre identidade negra é saber que este tema carrega conflito. D’Adesky (2001, p.55) nos lembra que, na história dos povos dominados, a noção de coletividade, de grupo, nem sempre aponta para uma valorização do passado histórico, que é fundamental para o fortalecimento de uma história comum

---

<sup>3</sup> As idéias aqui expostas foram extraídas de uma entrevista concedida por Eurípedes Funes, no Relatório do Programa de bolsa de licenciatura: Educar para igualdade, orientado pela prof<sup>a</sup>. Marly Silveira da Faculdade de Educação da UFG.



positiva, bem como para estabelecer bases sólidas de identificação étnica.

A memória carrega muitas vezes marcas de sofrimento, de discriminação, revelando que o passado histórico nem sempre é um elemento aglutinador para a noção de grupo. Isso pode ser visto quando membros portadores da marca da discriminação preferem a adesão total ao presente. Podemos assim afirmar que o passado tanto agrega como desagrega. É claro que a compreensão do passado está carregada de presente, e esse só pode ser interpretado considerando os elementos do passado, o que centraliza a importância da história para compreender a noção de identidade e de etnia hoje. Para isso é preciso, como diria Benjamin (1985), “*escovar a história a contrapelo*”.

Uma das formas possíveis de atender o procedimento sugerido por Benjamin é repensar o lugar das irmandades negras, de ver sua importância na constituição da identidade de seus integrantes. A insistência na temática das irmandades, ou das confrarias, decorre do fato delas terem sido essenciais para o entendimento das manifestações públicas chamadas de reinado e, conseqüentemente, do que se chama hoje de congada.

Funes (2004, p.36) indica os três fundamentos básicos para o entendimento da questão da identidade, principal interesse de nosso estudo: a história, a memória e as práticas culturais. Esses elementos dão sentimento de pertencimento a determinadas comunidades, sejam negras ou não.

A constituição da identidade ocorre na interação com os outros e na nossa vivência; contar a história da comunidade, a nossa história, é afirmar identidades, é dar sentido à origem e estabelecer elos entre o passado e o presente.

A (re)construção imaginária da identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. Nesta perspectiva, a memória é solicitada e reestruturada sem cessar (BEZERRA, 2007,p.74).

É preciso pensar a congada como um possível elemento mediador na educação dos seus praticantes, constituindo nessa



relação uma referência identitária cultural e formativa. Uma efetivação da compreensão da congada como elemento mediador e de formação se pauta, de certa maneira, na herança histórica, reposta dinamicamente no presente através da memória. Mesmo que esteja num espaço urbano moderno como a cidade de Goiânia.

A imposição de novas formas espaciais através do processo de urbanização contribui para a desagregação de determinados valores. Todavia, a ruralização presente nas tradicionais festas religiosas e nas reuniões da comunidade pode ser compreendida como uma reação às mudanças impostas e um meio de reconstituição de suas tradições e das formas culturais comunitárias (MENDES, 2008, p.156)

Para isso, é importante lembrar que o homem vive o seu tempo. Contudo, este tempo vivido, assim como o espaço vivido, é múltiplo e relativo, impregnado de tempos e espaços subjetivos e simbólicos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. (BENJAMIN, 1985 p.37)

A memória é fundamental para compreensão da identidade, seja individual seja coletiva, que vem sendo buscada cotidianamente. Sobre a memória coletiva e a sua relação com o poder, é Le Goff que fala, (2003, p.470)

[...] a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem



compreender esta luta pela dominação da tradição, esta manifestação da memória.

Porem, a aprendizagem através da memória não ocorre “palavra por palavra” numa repetição de maneira limitada. Sobre a história, sobre a origem, há uma série de variantes nas diversas versões. Dessa forma, pode-se afirmar que “*o processo da memória no homem se faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios*” (Le Goff 2003,p.420).

A congada mesmo ela não tem fundamento ainda. Para dizer assim, eu conheço tudo. Tem muita coisa que a gente não sabe. Eu conheço de 54 anos para cá...A origem é muito grande. A origem ninguém sabe como é que ela é, a fundação direitinho. A origem da congada veio mais dos pretos velhos, antes da congada teve o moçambique, foi o moçambique que levou Nossa Senhora para a igreja. A congada acompanhou atrás. (Sr. Onofre, general do Terno 13 de Maio)

Assim, é preciso entender que a uniformidade da memória está mais ligada a escrita. Na ausência desta, a memorização se dá através de cantos e narrativas que permitem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas.

“Eu sou africano, eu vim para o Brasil contra a vontade...” (música cantada por vários ternos de congo de Goiânia)

Mas há hoje uma busca do registro escrito da festa, das pessoas e das práticas ali desenvolvidas. É como se a memória, através do registro, se tornasse História, e daí a sensação de reconhecimento, pois o documento escrito aparece com um caráter de monumento legado da memória coletiva.

O interesse que a manifestação seja registrada passa possivelmente por se compreender a importância da escrita na sociedade atual. Hoje, entre os ternos de congo, já há uma crescente escolaridade entre os participantes, principalmente pelo



considerável número de jovens e crianças que fazem parte dos ternos ou acompanham o cortejo.

A escrita traz certamente uma nova aptidão intelectual, uma nova organização do saber, mas também um aspecto da organização de um novo poder. Junto à escrita há também um forte desejo de criar um espaço específico para atuação da congada, numa forma de empreender uma instituição da memória. Isso se daria, por exemplo, pela construção de uma sede para o terno, para que se possa saber mais através de um local onde se possa acessar informações sobre a congada na cidade.

Fazer parte de um grupo desperta sentimento de pertencimento, e a memória, de certa maneira, se faz seletiva e diz respeito àquele determinado grupo, onde é guardada uma memória comum. Constrói-se aí um importante elemento de identidade, que se confirma através de práticas atuais que mantêm traços fundamentais que os fazem permanecer enquanto grupo, sendo que importante mediador na consolidação dos grupos são os mais velhos.

No que se refere aos negros, e especificamente à cultura negra, pode-se compreender que as

formas de memória cultural negra incluíam as crenças e os valores tradicionais da experiência negros compartilhados enfatizados pelos idosos, tais como a importância de :

-Ter fé em Deus, isto é lembrar a quem pertencemos.

-Respeitar o conhecimento de pessoas que não tiveram educação formal mas que tem conhecimentos práticos, experiência e sabedoria.

-Reconhecer o papel desempenhado pelos idosos na transmissão de conhecimento cultural entre as gerações e na socialização da juventude;

-Reconhecer o poder autolegitimador de aprender a “ouvir corretamente” o discurso que diz a verdade e dá testemunho”. (KING E COLLEGE, apud SILVA, 2003,p. 90).



Junto aos mais velhos, a família é um lugar bastante fértil para a construção das lembranças e consolidação da memória. Ela estabelece um importante nexos entre o indivíduo e o passado, e do indivíduo com o grupo. A família é, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço onde essas mesmas recordações podem ser avivadas.

No caso da congada, ocorre um forte laço familiar e de ancestralidade que marca significativamente seu lugar na festa. Geralmente, há estreito vínculo entre os participantes dos ternos e suas famílias. Participam da festa praticamente três gerações, são os avós, os pais e os filhos em descendência direta, e também entram aí os parentes em linha horizontal, ou seja, irmãos, cunhados, primos ou sobrinhos, genros, todos envolvidos visceralmente com o ritual da festa. Esse dado se confirma nos dois ternos que foram estudados.

O legado deixado pelos ancestrais, pelos parentes consanguíneos ou pelos irmãos da irmandade, é atualizado pela festa e através da memória que atravessa e alimenta a própria história. Dessa forma, a memória coletiva deve servir para libertação dos homens e não para sua servidão (Le Goff, 2003). Os praticantes da congada carregam no seu discurso, na sua prática, a responsabilidade do presente frente ao passado, criando fendas que possibilitam inovação e mudança na interpretação deste passado, e no compromisso com a comunidade no presente.

O fato de ser congadeiro tem interpretações bastante próximas para os dois capitães que foram entrevistados. As respostas são carregadas de elementos identitários, seja com o presente, seja com o passado, mas sempre cientes do importante papel ali desenvolvido. Ser congadeiro se aproxima da continuidade:

Eu acho que estou ajudando a dar seqüência aquilo que os escravos plantaram que é congada. A congada não é brasileira, ela veio da África. E estou colaborando para não deixar acabar. (Sr. Ozório, capitão do Terno Verde Preto);

também ser congadeiro é pertencimento:



É minha religião, minha fé, a minha vocação se é que eu posso falar assim. Porque eu nunca me afastei da congada, me orgulho de está participando desta festa, me orgulho de ser negro, de ser capitão de congo, me orgulho de ver os tambores dançando. (Aparecido, capitão do Terno 13 de Maio)

A congada, como é possível ver nesse depoimento, mostra seu poder de mobilização e de construção de identidades sócio-geográficas costurada por meio de mitos e ritos que sacralizam e despertam o sentimento de integração irmanados na fé e no orgulho de ser congadeiro.

A dinamicidade festiva da congada pede licença ao ritmo acelerado da cidade e se realiza com uma manifestação ancestral e com formas do passado. É desse modo que o grupo de congadeiros experienciam e reinventam sua cidade e sua identidade. Constroem formas de socialização e de coesão que formam uma unidade e uma resignificação, celebrando valores e crenças inclusive para grupos que historicamente foram subalternizados.

A manutenção de práticas, como a da congada, implica na utilização de recursos como o da memória social, atualizada na repetição dos ritos, revelando uma unidade e uma identidade social pautada pela prática da particularidade e da diversidade cultural e socioespacial.

## V CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível entender que ser congadeiro é viver composto por identidades (gênero, etária, étnica, e também religiosa) formadas pelo laço afetivo e posto pelo ritual, identidades que se fazem na alteridade. Esse ser congadeiro, e esse sentimento de pertencimento, não pode deixar de ser espacializado. Toda ação humana se inscreve socioespacialmente. Esse entendimento ajuda na localização de pistas deixadas pela vivência da festa e pelos praticantes da congada em diversos locais da cidade de Goiânia.

As leituras da realidade fundamentadas na Geografia Cultural muito têm contribuído no entendimento dessas práticas



culturais, e nos faz pensar que a dinâmica da realidade nos obriga, a todo instante, a sair da zona de conforto para fazer uma reflexão constante dos mecanismos que são necessários ao entendimento das ações humanas, e de como essas ações se realizam.

A interlocução da geografia com outras áreas se mostra fértil quando se pretende entender a dinâmica da realidade experienciada na congada, e permite conhecer melhor os mecanismos presentes não só no dia a dia daquela população como nos dias de festas. Desse modo, tentamos entender o ser e o fazer dos congadeiros goianienses como vivência e como forma de pertencer a um lugar e a um grupo.

## VI REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Brasiliense, São Paulo, 1985, 4ª ed.

BERGER Peter. L. & Luckmann, T. **A construção social da realidade.** Vozes, Petrópolis, 1999, 17ª ed.

BEZERRA, Amélia Cristina A. Festa e identidade: a busca da diferença para o mercado de cidades. In: Bandeira de Araújo, Frederico Guilherme & HAESBAERT, Rogério. **Identidade e territórios: questões e olhares contemporâneos.** Access, Rio de Janeiro, 2007.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. Identidade Cultural e arqueologia. In: Bosi, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações,** São Paulo, Ática, 1987, pp 182-190.

BRANDÃO, Carlos. R. **Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás.** Goiânia, ed. EUB. 1977.

BRANDÃO, Carlos. R. **A festa do santo preto.** Rio de Janeiro, Funarte/ Instituto nacional do Folclore, Goiânia, UFG, 1985.

CASTELS, Manoel. **O poder da Identidade** (a era da informação: economia, sociedade cultura). São Paulo, Paz e Terra, 2000.



CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In:ROSENDHAL, Zeny & CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, 2001.

CORREA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, 2001.

CORREA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural** . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, 2ª edição.

COSTA, Benhur P. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In In:ROSENDHAL, Zeny & CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro, 2005.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo, Pallas, 2001.

DAMASCENA, A. **Tradição e modernidade em Goiânia**. Goiânia, 2000, FE/UFG Dissertação de mestrado em educação.

FONSECA, Claudia Alexandra D. **Territórios entre lugares urbanos processos de identidad e región em ciudades de los Andes Colombianos**. Caldas, Manizales: editorial Universidad de Caldas, 2005.

FUNES, Euripedes. A. **Mocambos do Trombetas: História, memória e identidade**. E AVirtual (Barcelona), Barcelona-Espanha, v. 1, n. 1, p. 05-25, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial** (ou: do híbrido cultural a essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de & HAESBAERT, Rogério. (orgs.) **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, Access, 2007.



HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte, editora UFMG,; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LÊ GOFF, J. **A História nova**. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, Estevane de Paula P. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no Município de Catalão. In: Almeida, M. Geralda, Chaveiro, Eguimar F. **Geografia Cultural**. Goiânia, Vieira, 2008.

MOREIRA, Rui. **Para onde vai o pensamento geográfico: por uma epistemologia crítica**. São Paulo, Contexto, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra no contexto da globalização**. Cadernos PENESB. Relações raciais e educação; temas contemporâneos/UFF, Niterói, 2002.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo, Cortez, 1992.

QUINTÃO, Ana. A. **Irmandades negras: Outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890)**. Anna Blume, São Paulo: fapesp, 2002.

RAFFESTIN, CLAUDE. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

RESENDE, Anita. C. A **Fetichismo e Subjetividade**. São Paulo, PUC, tese de doutorado, 1992.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. **Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a Congada em Catalão – Goiás**.



Goiânia, IESA/UFG, Dissertação de Mestrado de Geografia, 2008.

SANTOS, Milton. **Ser negro no Brasil Hoje**. São Paulo, In:Folha de S.Paulo – Mais – Brasil 501 d.c. – 07 de maio de 2000.

SAQUET, Marco Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marco Aurélio. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo, UNESP, 2009.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

SILVA, Petronilha. B.G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afro-descendentes e africanos. In: **De preto a afro-descendente**, Lúcia M. A. Barbosa ...et al, São Carlos, eduFSCar, 2003.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

